

NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA E HISTÓRICA

Responsável

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

Departamento de História da Pontifícia

Universidade Católica de Campinas

ANO XV – Nº 111

ISSN 0101-4919

JULHO/SETEMBRO/1983

PELO SUL DO BRASIL

(À margem de uma excursão, 18 a 29 de
julho de 1981)

Odilon Nogueira de Matos

Há muitos anos, regressando de automóvel de Curitiba para São Paulo, logo à saída da capital paranaense, dois jovens pediram-me carona. Embora não tenha hábito de atender a solicitações desta natureza, alguma coisa me insinuou que eu devia, naquele momento, atender aos dois suplicantes. E não me arrependi. Eram argentinos, estudantes da Faculdade de Direito de Buenos Aires, e que, de carona em carona, pretendiam chegar ao Rio de Janeiro. Foi triste, para mim, constatar que ambos estavam muitos furos acima da média do estudante brasileiro: educados, cultos, visivelmente interessados em conhecimentos gerais, indagadores de tudo quanto viam. Fiquei a pensar o quanto se decepcionariam se, por acaso, quem lhes desse a carona não estivesse à altura de suas indagações.

Em certo momento, creio que bem depois de Registro, um deles me contou que, na Argentina, sempre ouvira dizer que São Paulo era o Estado mais povoado do Brasil, onde as cidades se sucediam como mar-

cas definitivas da ocupação do solo, e, no entanto, estavam viajando já havia algumas horas no território paulista e nada encontravam que justificasse o que haviam aprendido sobre São Paulo. Ao contrário, estavam atravessando terras tão pobres, ou mais até, que a de outros Estados, sem nenhuma cidade importante e com casas de trabalhadores as mais pobres que se podia imaginar. Então era isto São Paulo ?

Excelente “deixa” para um professor de História e de Geografia. Por sorte, tinha um mapa do Estado de São Paulo. Parei o carro no primeiro lugar propício que apareceu, e dei-lhes ligeira aula sobre nosso Estado. Contei-lhes que estávamos percorrendo a região mais atrasada do Estado, aquela que ficara fora das grandes correntes do povoamento e, principalmente, fora do roteiro do café, que havia sido a cultura responsável pelo povoamento da maior parte do território paulista. E fora, inclusive, das próprias rotas de comunicações para o Sul, pois estas preferiam sempre os espigões, as áreas mais elevadas, evitando-se o mais possível as baixadas, quase sempre insalubres. Os próprios portos da região — Cananéia, Iguape — ficaram à margem das grandes rotas de circulação. E só ultimamente, com a cultura do chá e a colonização japonesa, estava o Vale do Ribeira se animando, mas com nível de vida ainda bastante baixo e sem atividades urbanas correspondentes. Se quisessem ter idéia do verdadeiro São Paulo, deveriam ir até a Capital e de lá tomar a direção do Oeste, onde uma série de cidades de alto nível se sucederiam: Jundiaí, Campinas (a maior cidade de interior do Brasil, com bem mais de meio milhão de habitantes), depois Americana, Piracicaba, Rio Claro, São Carlos, Araraquara, Ribeirão Preto, Bauru e muitas outras. Fizessem esse percurso, e teriam certamente a comprovação do que aprenderam em seu país. Mas não era o que iam fazer. De São Paulo pretendiam ir para o Rio de Janeiro, trajeto no qual percorreriam o Vale do Paraíba, que já lhes daria melhor idéia do que o percurso que estavam fazendo.

Estou recordando este fato de bem mais de doze anos, porque, de então para cá, mudaram muito pouco as condições de percurso São Paulo-Curitiba, que fizemos em nosso primeiro dia de excursão. Qualquer passageiro do ônibus poderia demonstrar o mesmo espanto dos estudantes argentinos. Mais de trinta anos são passados da inauguração da “Regis Bittencourt”, e ela continua estrada singela, de uma só pista, verdadeiro absurdo dado o tráfego intenso que a caracteriza, no seu papel de verdadeiro “funil” nas comunicações com o sul do Brasil. Ainda bem que nas rampas maiores foram construídas pistas acessórias, mas é muito pouco. Aliás, é bom que se ressalte a anomalia que, no panorama dos transportes brasileiros, constitui a BR-116. É talvez a única estrada brasileira que não modificou a paisagem, ou modificou-a muito pouco. Não contribuiu em nada para o desenvolvimento das pequenas cidades situadas à sua

margem: Juquitiba, Pedro de Barros, Biguá, Jacupiranga... Seriam a mesma coisa se não existisse a estrada. Abra-se apenas uma exceção para Registro, que, por ser o meio do percurso, foi dotada de alguma infra-estrutura, como hotéis e restaurantes. Mas todos muito precários.

A transição serra/campo não deixa de ser maravilhosa mesmo para aqueles a quem esta viagem já é familiar. Assim também a preocupação de encontrar o primeiro pinheiro, símbolo da terra das araucárias. E por falar em araucária, foi no Hotel Araucária que nos alojamos depois de um interessante passeio pela cidade, válido para a maior parte dos companheiros de excursão, pela primeira vez vindos a Curitiba. Já conhecia o Hotel Araucária, pois nele fui hóspede do Estado quando, no ano passado, vim a Curitiba participar de uma banca de concurso na Universidade Federal do Paraná. Fica ao lado do Teatro Guaíra, onde, por sinal, realizava-se um festival de corais universitários.

Foi uma pena que a noite, excessivamente fria, não nos animasse a passeios pela Rua das Flores, nome primitivo com o qual voltou a ser designada a Rua 15 de Novembro, no trecho do "calçadão", modalidade criada pelo Jayme Lerner e que de Curitiba se irradiou por todo o Brasil. Mal saímos para uma refeição ligeira na antiga Confeitaria Schaeffer, batizada agora de Cometa, mas muito inferior ao que era antes do incêndio que a destruiu há alguns anos.. Já estávamos recolhidos quando nossa guia nos avisou de uma alteração no programa, visto não ter sido possível arranjar passagens no trem para Paranaguá. Assim, iremos mesmo de ônibus, o que será uma pena, pois gostaria de rever a velha ferrovia de Teixeira Soares.

Posso dizer que, desde garoto, sou um enamorado de Curitiba. Em certa época de minha vida, dizia que era a cidade onde gostaria de morar. Sempre a considerei a cidade mais civilizada do Brasil, mas infelizmente está perdendo algumas das características que lhe conferiam esse honroso atributo. Mal do crescimento... Insisto na minha velha tese: "crescimento" e não "progresso". Mas como conheci Curitiba nos seus "bons tempos", guardo dela uma imagem muito feliz. Imagem, aliás, que pela primeira vez me foi transmitida pelo meu bom tio José, que, morador no sertão do Tibaji, vinha com frequência a Curitiba tratar de interesses seus ou da firma para a qual trabalhava, e cada vez que nos visitava em Campinas ou em Bauru, punha-me "água na boca" com as maravilhas que contava da capital paranaense.

Foi em 1935 que a visitei pela primeira vez. Ia para o Rio Grande do Sul e não quis perder a oportunidade de conhecê-la, embora me custasse um desvio de não sei quantas horas, pois naquele tempo o moroso comboio da Viação Férrea Paraná-Santa Catarina (que em Itararé

se ligava à Sorocabana) era o único meio de transporte. Algumas coisas me inspiraram profunda admiração, diria mesmo verdadeiro êxtase a um rapazola de menos de vinte anos: o Passeio Público, o edifício da Prefeitura (dizem que copiado de um de Bruges ou de Liège), o monumental palácio da Universidade, na qual haviam estudado ou estavam estudando alguns amigos, a catedral, no seu estilo gótico, fotografia que vi pela primeira vez no velho livro de geografia em que me iniciei nessa matéria etc. Por Curitiba passei cinco anos depois, quando, com um grupo de amigos e colegas, fui a Florianópolis participar de um Congresso de Geografia. Revia-a novamente treze anos depois, por ocasião do centenário da emancipação do Paraná (1953), quando aqui estive com alguns colegas geógrafos a fim de instalar o núcleo paranaense da Associação dos Geógrafos Brasileiros. Comigo estavam dois bons companheiros já falecidos (Aroldo Azevedo e José Veríssimo da Costa Pereira), e mais Pasquale Petrone, Araújo Filho e Nice Lecocq Muller, felizmente ainda vivos. Foi nessa visita de 1953 que conheci Benedito Barbosa Pupo, que tão meu amigo veio a se tornar mais tarde. Sua esposa Jacira estudava geografia e o Pupo, sempre metido nas lides de imprensa, dirigia uma revista dedicada ao norte do Paraná. Pupo e Jacira foram nossos anfitriões numa agradável noitada, em sua casa da Rua Doutor Faivre. Vindo para São Paulo e depois para Campinas, donde, aliás, é natural, Barbosa Pupo continuou sempre bom amigo e companheiro, graças aos numerosos centros de interesse comuns que entre nós existem. Nosso relacionamento, fora a visita de Curitiba, começou a propósito de ferrovias, assunto sobre o qual temos pontos de vista coincidentes e sobre o qual tanto ele como eu temos publicado diversos trabalhos. E depois das ferrovias, ou paralelamente a elas, nosso relacionamento continuou com a história de Campinas e as lides de imprensa. Devo-lhe o ser colaborador regular do "Correio Popular", de Campinas.

Meu contato seguinte com Curitiba foi em 1962, quando aqui estive quase uma semana, participando do Segundo Simpósio de Professores Universitários de História. Desta ocasião, data meu contato com o Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, onde conto, hoje, excelentes colegas e amigos e onde esta revista tem bastante penetração.

Ainda nos anos '60 estive mais quatro vezes em Curitiba: em 1966, de passagem para Blumenau, aonde fui participar de uma reunião de geógrafos; em 67, de passagem para Porto Alegre, por ocasião do IV Simpósio Nacional de Professores Universitários de História; e em 68 e 69, para o Curso Internacional de Música, que em Curitiba se realizou; desta última vez, acompanharam-nos Raul de Andrada e Silva e sua esposa Gleide numa viagem até o Rio Grande do Sul, muito parecida

com esta que estamos realizando; na volta do Rio Grande foi que portamos em Curitiba. Outras quatro vezes aqui estive nos anos '70: novamente para o Curso de Música de 1970, quando aproveitamos para uma esticada até Blumenau, exatamente o mesmo percurso que vamos fazer amanhã; em 71, para uma reunião de SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência); em 75, para um congresso comemorativo do centenário do historiador paranaense Romário Martins, ocasião em que tive oportunidade de proferir conferência na Universidade Federal do Paraná sobre "temas de história regional na obra de Romário Martins"; data desta visita meu contato com o Instituto Histórico e Geográfico Paranaense, que me fez a honra de eleger-me seu sócio correspondente; e, finalmente, uma quarta vez, em 1978, de passagem numa excursão às Missões; nesta ocasião foi apenas um pernoite. E depois vim mais duas vezes em 1980: a primeira, para tomar posse no Instituto Histórico, dia 5 de junho, ocasião em que proferi conferência sobre "Saint-Hilaire e o Brasil"; e em outubro, quando vim para o concurso na Universidade, a que já me referi; desta vez tive como companhia o excelente amigo José Sebastião Witter, também integrante da banca examinadora. Enfim, para encurtar a história: está é a 15ª vez que visito Curitiba; e estes quinze momentos, marcados cada um deles por características tão significativas, dão-me uma razoável vivência da boa cidade. E tenho vontade de, na primeira oportunidade, passar pelo menos uma semana aqui, descompromissado, a fim de rever algumas coisas e conhecer outras, de que tanto ouço falar. Ainda mais que, graças às publicações da Casa Romário Martins, que recebo com frequência, estou-me enfronhando bem na história e na vida curitibana.

Segunda etapa: Curitiba/Blumenau

Foi até melhor que não pudéssemos ir de trem para Paranaguá, pois o tempo amanheceu chuvoso e a serra toda "fechada". Nada teríamos aproveitado de um dos panoramas mais belos do Brasil. Só uma vez fiz este percurso, aproveitando-o como devia: foi quando estive em Curitiba pela primeira vez, em 1935; já da segunda vez, em 1962, tivemos tempo fechado, tal como hoje. Aliás – fato lamentável – informou-nos nossa guia que a Rede Ferroviária Federal anda relaxando muito neste serviço para Paranaguá: não só os trens não correm no horário, como há dias em que nem correm, criando situações embaraçosas para as organizações de turismo. Sim, porque hoje, o percurso Curitiba/Paranaguá pela velha estrada, é praticamente uma atividade turística; dificilmente alguém, não vinculado a algum grupo turístico conseguirá passagem.

A rodovia, que já havia percorrido em 1970, é muito boa, mas sem os atrativos paisagísticos do percurso ferroviário. Aliás, hoje não tivemos atrativo algum, pois fizemos a viagem toda debaixo de chuva. Mal pudemos descer em Paranaguá para visitar uma velha igreja (São Benedito) do século XVIII, que dizem ser o monumento melhor conservado da cidade, resistindo, inclusive, aos caçadores de antiguidades, segundo informação de um folheto que nos foi distribuído. A própria visita ao porto, hoje o terceiro do Brasil em exportação (superado apenas por Santos e Rio Grande) foi feita sem que pudéssemos descer do ônibus. Almoço, aliás muito bom, no Restaurante Danúbio Azul. Não me conformo com esta macaquice dos brasileiros: para quê dar a um restaurante típico do litoral paranaense o nome de Danúbio Azul, especialmente quando ele se localiza no local que menos faz lembrar o famoso rio da Europa central? No restaurante havia uma estampa dos tristemente célebres fuzilamentos do quilômetro 65, na Revolução de 1893. Um dos companheiros da excursão demonstrou interesse em saber “o que era aquilo”, mas nessa hora não me senti com vocação para professor de História. Julguei mais oportuno (e sadio) saborear os camarões que nos eram servidos. Passamos em frente ao velho solar do Visconde de Nacar, talvez o mais belo edifício da velha cidade, que é terra de Basílio Itiberê, o compositor, e de Monsenhor Celso, grande figura da igreja no Paraná.

De Paranaguá, onde nada perdi — pois já a conhecia — mas perderam os companheiros de excursão que muito teriam aproveitado se visitassem o museu, instalado no velho colégio dos jesuítas (que me traz tão boas recordações de 1962), seguimos para Guaratuba e Caioba, a fim de transpor a baía pelo precaríssimo serviço de “ferry-boat”, do qual depende todo o tráfego da BR-101. Guaratuba deu-nos a impressão de uma cidade fantasma, pois totalmente deserta, devido ao frio e à chuva, contrastando tremendamente com o seu movimento no verão.

Como compensação por não termos feito o percurso ferroviário Curitiba/Paranaguá, nosso guia ofereceu-nos uma entrada (mas sem parada) em Joinville. Para mim, foi muito agradável rever a cidade, inegavelmente a mais limpa do Brasil. Joinville tem este nome por ter sido fundada numa gleba de terra doada por D. Pedro II ao Príncipe de Joinville, que se casou com a Princesa Dona Francisca, irmã do nosso segundo Imperador. No entanto, a informação de nossa guia foi completamente errada. Disse-nos ela que a doação fora feita por D. João VI, com cuja irmã Dona Carolina o Príncipe de Joinville era casado... Barba-

ridade ! Quanta ignorância ! Ao tempo de D. João VI provavelmente o Príncipe de Joinville nem fosse nascido... e D. João VI nunca teve irmã chamada Carolina... Aliás, para certificar-se da verdade, basta lembrar que o primitivo nome de Joinville era “Colônia Dona Francisca”... É duro para quem sabe um pouco de história e de geografia ouvir as bobagens dos guias e, por delicadeza, ter que ficar calado. Sendo domingo, o comércio, da linda cidade estava fechado e as ruas, devido ao frio, praticamente desertas. Mas todos tiveram excelente impressão da “Cidade dos Príncipes”.

Construiu-se um atalho permitindo ir a Blumenau sem passar por Itajaí, encurtando mais de quarenta quilômetros o percurso. E na bela cidade do vale do Itajaí chegamos cerca de 17 horas. Hospedamos-nos no Plaza Hering, excelente hotel, que ainda não conhecia. À noite, jantar no “Cavalinho Branco” restaurante que também ainda não conhecia, embora me lembrasse do prédio, pois nele funcionava, antes, creio que uma repartição pública.

Blumenau me traz também excelentes recordações, muitas delas avivadas por um passeio pela cidade na manhã do dia 20. Nossa guia cedeu lugar a um garoto, aliás muito bem informado sobre a história da cidade e com certo senso de humor. Contou-nos ele que pertence a uma organização chamada “Promenor”, que é algo parecido com a nossa Associação de Educação do Homem de Amanhã (a popular “Guardinha”), criada em Campinas pelo Ruy Rodriguez. Explicou-nos ele o processo de formação por que passam os que ingressam na Promenor, procurando habilitá-los para funções adequadas às suas idades: começam como gari, depois guardinha, “office boy” e finalmente guia turístico. Esta última habilitação naturalmente exige maiores conhecimentos, especialmente sobre a cidade. E pela amostra de nosso simpático e espirituoso guia, os resultados parecem satisfatórios. Só uma informação — das muitas que nos deu — não foi inteiramente correta: ao explicar que o apelido de “barriga verde” dado aos catarinenses surgiu na Guerra do Paraguai, quando os batalhões de Santa Catarina usavam um cinturão verde. A origem do nome está certa, mas só que não foi na Guerra do Paraguai. Foi muito antes. Deve ter sido na Campanha da Cisplatina ou mesmo nas lutas contra os espanhóis do Prata, em época anterior à própria Independência do Brasil. A verdade é que o chamado “Batalhão Barriga Verde”, comandado pelo Brigadeiro Silva Paes, foi extinto em 1832, portanto mais de trinta anos antes da Guerra do Paraguai. Agora, pode ser — dou a informação com reserva — que nesta guerra os batalhões catarinenses voltassem a ser chamados “barrigas verdes”. Mas a origem do nome é muito mais antiga. Aliás, não devo inculpar ao nosso guia (ou aos seus instrutores) a única responsabilidade pelo erro, pois

informação idêntica encontra-se em outros lugares, inclusive em alguns livros. E é um erro que, no cômputo final, não tem a menor importância, especialmente diante de tanta coisa certa que ele nos ensinou. Mas para um guia tão cioso de sua terra (como ele demonstrou ser) seria até motivo de orgulho saber que o apelido de “barriga verde” é bem mais antigo.

O simpático guia nos deixou na Igreja de São Paulo, o belo templo de Blumenau (mas muito frio...) que me traz boas recordações da primeira vez que o visitei. A igreja realmente é grandiosa. Foi construída como uma espécie de desafio, pois a região, devido à colonização alemã, possuía antigamente muito mais templos protestantes (da confissão luterana) do que católicos.

Esta é a quarta vez que visito Blumenau, guardando excelentes recordações das vezes anteriores. A primeira foi em 1940, quando se realizou em Florianópolis o congresso de Geografia, a que já me referi. Percorri, na ocasião, quase todo o vale do Itajaí, numa excursão dirigida pelo mestre Monbeig, hoje na França. Na época, a influência alemã era por demais acentuada. Basta dizer que o único jornal que se publicava na cidade era todo escrito em alemão. Lembro-me até de seu nome: “*Urwaldsbote*”, que quer dizer “O braço das selvas”. Conheci, na ocasião, o Dr. José Ferreira da Silva, prefeito da cidade e profundo conhecedor de seus problemas (aliás de toda a região) e mola apaziguadora do processo de nacionalização imposto pelo Estado Novo no início da Segunda Guerra Mundial. Processo necessário, mas conduzido de maneira pouco inteligente e que teria criado problemas seriíssimos não fora a “mola apaziguadora” do Dr. Ferreira da Silva. Impressionou-me não apenas Blumenau, mas todo o Vale do Itajaí, por ser uma região totalmente diferente do que conhecíamos no resto do Brasil: zona de pequenas propriedades, as casas coloniais, o nível dos colonos, seu espírito associativo através de sociedades recreativas, culturais, musicais, esportivas etc.; sua paisagem movimentada, dando a impressão da Europa central, pela sucessão freqüente dos mais variados aspectos humanos e econômicos; o Itajaí, navegado pelas suas inúmeras barcas, e muitas coisas mais.

Já da segunda visita, 25 anos depois, encontrei Blumenau bem descaracterizada. Mas esta segunda visita para mim foi bastante significativa, pois vim participar de outra reunião de geógrafos (um quarto de século depois da primeira) e tive a honra e a oportunidade de ser o orador oficial da sessão inaugural da reunião. Reencontrei o Dr. José Ferreira da Silva, o prefeito de 1940, agora diretor da Biblioteca Fritz Müller, e nesta qualidade muito me auxiliou nas pesquisas e trabalhos que precisei realizar na semana que aqui passei. Travei conhecimento

com a publicação **Blumenau em Cadernos**, da qual ele me ofereceu uma coleção quase completa e que tão útil me foi para minhas pesquisas sobre viajantes estrangeiros no Brasil. Dr. Ferreira da Silva, infelizmente não mais vive, pois faleceu, vítima de lamentável desastre de automóvel, há uns quatro ou cinco anos. Nessa segunda visita (1966) tive oportunidade de conhecer bem Blumenau, devido ao próprio trabalho de geografia urbana que precisei realizar para a reunião de geógrafos que nesta cidade teve sua sede.

O crescimento, infelizmente, implica um lamentável e irreversível processo de descaracterização. Meu bom amigo Raul de Andrada e Silva, há seis anos foi a Florianópolis participar de uma reunião de professores de História, e tirou um dia para conhecer Blumenau. Voltou decepcionado ! Nada mais encontrou daquilo de que tanto lhe falaram. Nossa guia informou-nos que o atual Prefeito está isentando de impostos as casas que forem construídas ou modificadas para o estilo alemão. E vi algumas: Pernambucanas, Bradesco e a própria Prefeitura. Mas não é o suficiente. A restauração das casas não faz voltar o espírito alemão. Este, independe de decretos do Prefeito.

Terceira etapa: Blumenau/Caldas da Imperatriz

Dia 21 de manhã deixamos a bela cidade do vale do Itajaí-Açu rumo ao litoral. Antes de alcançá-lo, passamos por Gaspar, mas não vimos sua bela igreja a não ser “de costas”, pois um problema de “mão” determinou que o ônibus, no sentido em que viajávamos, passasse atrás da igreja. Não houve problema, porque já a conhecia e era bem provável que àquela hora ela estivesse fechada. Em Itajaí, apenas uma volta de ônibus sem parar, mesmo porque chovia. Esta cidade, não posso dizer que a conheço, a não ser de passagem, mas sempre dela guardando boa impressão.

O que realmente me impressionou foi Camboriú, que alcançamos depois de passar pela praia das Cabeçadas. Aqui tenho necessariamente que me lembrar do Visconde de Taunay que considerava o litoral catarinense um dos mais belos do universo. Da primeira vez que por aqui estive, Camboriú não passava de uma modesta aldeia de pescadores. Vinte e cinco anos depois já encontrei um razoável aglomerado urbano, inclusive com alguns hotéis de bom nível. Ouvira dizer que a propaganda atraía para o belo local gente de toda parte, inclusive argentinos e uruguaios, condicionados pela mais desenfreada especulação imobiliária. Mas jamais imaginei chegasse ao ponto em que se encontra. A orla dá legítima impressão de Santos ou de Copacabana.

Parada (longa !) para compra na loja Moelmann e, depois, rumo a Florianópolis onde chegamos à hora do almoço. Parada rápida para uma visita à catedral e, a seguir, um passeio pela Lagoa da Conceição, onde almoçamos. Para a nossa guia, catedral só existe nas capitais. Foi esta a explicação que ela deu ao corrigir alguém que se referira à “catedral” de Blumenau... Santa ignorância !

Da primeira vez que estive em Florianópolis, ficaram-me algumas recordações indeléveis: a ponte Hercílio Luz (atualmente em reforma), a Catedral, o belo jardim central, o velho edifício do Instituto de Educação, onde se realizou o Congresso de Geografia de que vim participar; o histórico edifício cor-de-rosa do Palácio do Governo e mais algumas coisas. Ah ! ia-me esquecendo do monumento aos catarinenses que participaram da Guerra do Paraguai, mandado erigir pelo Visconde de Taunay ou, pelo menos, concluído por ele. Quase quarenta anos fiquei sem rever Florianópolis, embora, de passagem para o Rio Grande do Sul, descesse muitas vezes em seu aeroporto. Em 1977, quando aqui vim para o IX Simpósio Nacional de Professores Universitários de História, encontrei, é claro, outra cidade, mas os velhos pontos de referência de 1940 ainda os encontrei. Só que construíram uma nova ponte, aliás muito bonita, o jardim foi bastante modificado, a área urbana, como é natural, consideravelmente aumentada, a cidade encheu-se de calçadas etc. E ainda com uma boa infra-estrutura hoteleira, que absolutamente não havia em 1940. Nossa guia contou-nos razoavelmente a história da cidade, não omitindo nem o episódio da morte de Francisco Dias Velho, o fundador da antiga Desterro, que a República batizou de Florianópolis, em homenagem ao consolidador do regime republicano.

No passeio à Lagoa da Conceição fiquei a imaginar onde morará o Uacury Assis Bastos, meu antigo colega da Universidade de São Paulo e que se desterrou para este lugar assim que se aposentou. Na Lagoa, tudo muito precário, a começar pelos restaurantes. Aliás, a cidade também é carente deles. Pelo menos era em 1977. Mantenho bom relacionamento com pessoas e entidades na capital catarinense: a Universidade Federal, o Instituto Histórico (do qual sou membro correspondente), a Academia de Letras. Esta revista tem boa penetração tanto na capital, como no interior. Todavia, nenhum desses meus amigos, nem de longe, há de suspeitar que hoje estou passando por aqui. Depois do almoço (muito ruim) rumamos para Caldas da Imperatriz, não só iniciando o único trecho da viagem que ainda não conhecia, como propiciando o contato com o que mais me interessava conhecer. Às Caldas chegamos cerca de quatro horas da tarde.

Quando ainda menino de ginásio, li pela primeira vez as *Paisagens Brasileiras*, do Visconde de Taunay (reunião de escritos sobre Santa

Catarina e Paraná, as duas províncias que o grande brasileiro presidiu no tempo do Império), interessou-me particularmente o capítulo sobre as Caldas da Imperatriz. E como tudo o que se referia ao Visconde de Taunay, tanto sua pessoa, como suas obras, era sempre muito prezado em minha família, ficou-me a imagem do local, que sempre desejei conhecer, e que Taunay parece ter sido o primeiro ou um dos primeiros a descrever. Só a realização deste desejo compensou a excursão que estamos fazendo.

Taunay foi presidente de Santa Catarina em 1876 e embora as velhas "Caldas" de Santo Amaro, batizadas "da Imperatriz" depois que Dona Teresa Cristina contribuiu com quatrocentos mil réis (quantia enorme para a época) para a construção do primitivo balneário, fossem conhecidas desde 1813, foi só após a imperial visita de 1845 que se tornaram famosas. Ao tempo de Taunay, ao que se deduz de seus escritos, já estavam um tanto abandonadas e o seu estudo, publicado pela primeira vez em 1879, na Revista do Instituto Histórico Brasileiro, teve mesmo o objetivo de chamar a atenção para estas salutares águas. Quando, em 1977, colhia material para o meu livro *Páginas Catarinenses*, no qual transcrevi boa parte do que Taunay escrevera sobre as famosas Caldas, nem podia imaginar estivesse tão perto o dia em que viria a conhecê-las. De fato, Santo Amaro e as vizinhas Caldas da Imperatriz, embora pertíssimo de Florianópolis, ficavam completamente à margem de qualquer programa turístico que visasse ao Sul do Brasil. Eu mesmo, viajando tantas vezes pela região, jamais tive oportunidade de visitar o maravilhoso local. Foi só depois das termas dotadas de excelente infra-estrutura hoteleira que as viagens se tornaram possíveis.

Caldas superou minha expectativa. Tanto que tenho vontade de, numa oportunidade qualquer, passar uns dias aqui. O hotel (da linha Plaza) é magnífico, nada deixando a desejar, inclusive com as acomodações para banhos termais nos próprios apartamentos. É tudo, no dia e meio que aqui passamos, transcorreu como no melhor dos mundos. Visitamos o velho balneário construído com o donativo de Dona Teresa Cristina e no qual se lê a placa comemorativa da luta contra os indígenas que em 1813 atacaram a paliçada que fora edificada para defender as termas. Com toda a motivação, sentimental sobretudo, que trouxe para esta visita, é fácil perceber o quanto de emoção deixei transparecer aos meus companheiros de viagem, naquele maravilhoso contato com a natureza e tendo sempre em mente a evocação do que, sobre o local, escreveu o grande autor de *Inocência*.

Quarta etapa: Caldas da Imperatriz/Porto Alegre

Dia 23 continuamos nossa viagem para o Sul, num trecho (até Torres) que ainda não conhecia. Com a BR-101 tem-se a vantagem

de quase não precisar repetir caminho na viagem para o Rio Grande do Sul, pois esta rodovia, aliás excelente, faz o percurso pelo litoral, passando (mas sem entrar) em Laguna, Criciúma e Tubarão. Senti não ter tido oportunidade de entrar em Laguna, cidade que me lembra pelo menos quatro coisas, todas elas muito significativas para um professor de História: o ponto extremo meridional alcançado pela expansão paulista no século XVII; uma das entradas da expansão pastoril no Brasil meridional; a terra de Anita Garibaldi e a República Juliana, de tão pouca duração, mas importante como episódio da Revolução Farroupilha. Mas nada disto pude sentir, a não ser a distância. Tubarão me fez lembrar a calamidade de uns seis ou sete anos atrás, quando o Brasil todo acorreu em sua defesa, em face da terrível enchente de que a cidade foi vítima.

À hora do almoço alcançamos Torres, primeira cidade gaúcha, bem na divisa com Santa Catarina. Famosa pelas suas falésias e pelas suas praias, nada pudemos ver por causa do frio e da chuva. Do alto do morro do Farol, onde almoçamos, nossa guia quis que tivéssemos um panorama da cidade, mas ninguém se animou a sair do ônibus, a não ser na porta do restaurante. Terminado o almoço, prosseguimos viagem para Porto Alegre, onde chegamos cerca de cinco horas da tarde. A partir de Osório, a estrada tem pista dupla, que os gaúchos chamam de "free-way". Interessaram a todos os excursionistas as belas lagoas do litoral rio-grandense: Itapeva, Quadros, Barros.

Em Porto Alegre, hospedamo-nos no Plaza São Rafael (da mesma linha dos de Caldas e de Blumenau), que ainda não conhecia. Excelente. À noite choveu, o que não nos impediu, contudo, de ir a uma churrascaria da Avenida Assis Brasil. Por sinal que muito ruim, numa incrível descaracterização daquilo que é verdadeiramente gaúcho. Daqui a pouco, no rumo em que andam as coisas, não sei aonde se precisará ir para encontrar o que é legítimo.

O dia seguinte foi todo dedicado a Porto Alegre. Mais ou menos preso à excursão, não tive oportunidade de contato com os bons amigos e colegas que aqui possuo. Um passeio pela cidade, no período da manhã, me fez recordar a bela cidade: Palácio Piratini, Catedral, monumento a Júlio de Castilhos e o percurso pelos arrabaldes, que já fiz muitas vezes, mas que sempre me agrada. Nossa guia (da cidade de Porto Alegre) era muito versada na história porto-alegrense e gaúcha em geral. A interpretação positivista que nos apresentou do monumento a Júlio de Castilhos foi qualquer coisa de notável. Uma lição de história no bronze... Sensibilizou-me — e muito! — numa das ruas por que passamos (cujo nome no momento não lembro) o "Lar Otília Chaves", que me fez evocar grandes momentos de minha mocidade, quando morava em Juiz de Fora. Dona Otília é esposa do Rev. Derly Chaves, pastor metodista e meu

professor de ginásio, no Granbery. Há muitos anos que não os vejo nem deles tenho notícia, embora saiba que moram em Porto Alegre. A evocação de seu nome num orfanato ou creche (não percebi bem o que é) causou-me grande emoção, levando-me às lágrimas, o que foi notado por quase todos os companheiros de excursão.*

A tarde foi livre e eu a aproveitei para um rápido passeio pelo centro e compra de alguns livros. Não visitando Porto Alegre há mais de dez anos (embora tenha vindo ao Rio Grande do Sul) não pude deixar de notar grandes transformações... para pior. Triste sina das cidades brasileiras, cada vez mais descaracterizadas pelo crescimento, a que ironicamente chamam de "progresso". A grande Livraria do Globo (que me traz tantas recordações) praticamente desapareceu. Quantas e quantas vezes à sua porta parei, para integrar grupinhos de professores e escritores, a começar pelo saudoso Erico Veríssimo. Para mim, é difícil imaginar Porto Alegre sem ele. No Lima e na Sulina comprei alguns livros que vi anunciados no "Correio do Povo"; entre eles as "**Memórias de um imigrante boêmio**", que me interessa particularmente.** Tal como em Florianópolis, senti não ter oportunidade de algum contato com os bons amigos e colegas que aqui vivem. Isto ficará para outra ocasião em que puder vir apenas a Porto Alegre e sem estar vinculado e alguma excursão. Aliás, creio que esta oportunidade não poderá demorar muito, pois os gaúchos fizeram-me a honra de me eleger para a Academia Sul-Riograndense de Letras, e eu deverei tomar posse. Mas certamente só para o próximo ano.

Porto Alegre e o Rio Grande em geral me trazem excelentes recordações. Foi no Rio Grande, lá na longínqua Uruguaiana, que comecei minha vida de professor há quase meio século. E sempre me senti muito vinculado a este Estado, apreciando sobretudo sua cultura e particularmente seu folclore. Os gaúchos, em matéria de regionalismo (tomada aqui esta palavra não como animosidade para com outras regiões do País, mas como interesse pelo seu próprio Estado), podem-nos dar excelentes lições. Mas, como já escrevi, temo muito pela descaracterização de tudo isso, especialmente pela massificação da cultura imposta pela televisão e pela sociedade de consumo. Porto Alegre está-se tornando uma cidade igual-

(*) A Professora Otília de Oliveira Chaves, aqui evocada, veio a falecer no dia 18 de abril do corrente ano. Em sua memória, o autor destas notas publicou no **Correio Popular**, de Campinas (11 de maio) o pequeno artigo **Itinerário de uma vida**, transcrito em o último número desta revista. O Lar Otília Chaves, aqui mencionado e entrevistado pelo excursionista, fica à Avenida Cavallhada, e constitui uma das muitas instituições de assistência social mantidas pela Igreja Metodista no Rio Grande do Sul.

(**) Trata-se de um interessante relato do imigrante Josef Uman, traduzido pela Professora Hilda Agnes Hübner Flores e editado pela Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, de Porto Alegre. Sobre ele, esta revista publicou importante matéria em seu número 104, de 1981.

zinha a qualquer outra cidade grande do Brasil. Mesmo caso de Curitiba, de Belo Horizonte, de Recife, e de outras cidades que ainda conheci antes da massificação. Receio que com o tempo até os CTGs acabem desaparecendo e, com eles, toda a cultura de "folk" que tão bem caracteriza o Rio Grande do Sul. Ou que fiquem reduzidos às cidades menores: Pelotas, Bagé, Santa Maria, Santo Ângelo, e a região das Missões em geral. Costumo dizer que quem quiser conhecer o Rio Grande do Sul não deve vir a Porto Alegre: deve ir ou à Serra ou à Campanha.

Quinta etapa: Porto Alegre/Canela

Dia 25, cedo, partimos para a Serra, num percurso que me é muito familiar: São Leopoldo, Novo Hamburgo, Gramado e Canela. São Leopoldo, onde tenho bom relacionamento com a Unisinus, me faz recordar o "rio que imita o Reno", do romance famoso de Viana Moog, outro bom amigo gaúcho. Fiquei sabendo, pela guia de Porto Alegre, que um incêndio, na semana passada, destruiu boa parte dos edifícios da universidade jesuítica de São Leopoldo. Que lástima! Em Novo Hamburgo, as indefectíveis compras de calçados, dando tempo, contudo, de chegarmos a Gramado para o almoço, aliás magnífico, no Steinhaus. Apenas nos aborreceu a chuva. Quem conhece Gramado da época do verão, dificilmente a aceita como a encontramos hoje. A eterna mania das compras... na qual gastamos quase toda a tarde, chegando a Canela já ao anoitecer. Hospedagem no Lage de Pedra, que ainda não conhecia. Muito bom.

Dia 26 todo dedicado a Canela e a Gramado. Manhã livre para passeios pelos arredores do hotel, belíssimos; almoço no Serra Azul, visita ao Lago Negro, depois ao Caracol e à noite um decepcionante café colonial. Tudo turistizado. A Igreja de Canela é dedicada a Nossa Senhora de Lourdes e na praça fronteira erigiram um marco comemorativo do biênio do centenário (1974/5) da imigração italiana.

Gramado também me traz excelentes recordações. Vi a casa de Mr. Fox ocupada por um profissional, dentista ou médico. Que terá sido feito dele? Viverá ainda? Bem que gostaria de saber. Mr. Fox foi durante anos e anos diretor ou gerente (não sei bem como é que se diz) da Mala Real Inglesa, a famosa companhia de navegação. Ao aposentar-se, escolheu Gramado para seu fim de vida (como ele dizia). Mas terá terminado aqui mesmo sua vida ou terá se retirado para sua pátria? A única pessoa a quem fiz esta pergunta não soube me responder.

Sexta etapa: Canela/Caxias

O antepenúltimo dia de nossa excursão não foi bem planejado. Perdemos a manhã no hotel de Canela quando poderíamos ter seguido logo cedo para Caxias e aí passado o dia. Mas, tal como foi executado, almoçamos no Hotel Serrano, de Gramado, e só depois foi que seguimos para Caxias. Desta cidade não vimos nada, a não ser a Igreja de São Pelegrino, com os magníficos painéis de Locatelli. Este homem, figura curiosa de artista italiano, vinculou seu nome ao Rio Grande do Sul não apenas através desta igreja, inegavelmente sua obra-prima, mas também de realizações em Porto Alegre, como vimos, por exemplo, no Palácio Piratini: o teto do salão nobre (imitação do salão dos Espelhos, de Versalhes) com pinturas inspiradas na estória do Negrinho do Pastoreio, e no salão de audiências, com um quadro sintetizando a história do Rio Grande do Sul.

Gostaria de ter estado mais tempo em Caxias, que também me traz boas recordações, pois aqui possui um bom relacionamento com o pessoal da Universidade local. E por estes dias deverá sair no “Correio Popular”, de Campinas (se é que já não saiu) um artigo meu sugerido por notícia que recebi desta cidade, referente ao aproveitamento do edifício de um antigo hospital para nele se instalar o museu e o arquivo da cidade e mais algo semelhante ao centro de documentação e pesquisa, que vivo sugerindo para Campinas. Houvesse oportunidade, gostaria de ter entrado em contato com as pessoas responsáveis por este trabalho em Caxias.*

À noite fomos a uma churrascaria – Gianella – onde assistimos a um excelente “show” do folclore gaúcho, já um tanto turistizado, mas em todo o caso com boa dose de autenticidade. Para quem, como eu, conhece o trabalho dos CTGs, não foi novidade, mas sim o foi para todos os outros de nosso grupo.

Caxias, a exemplo de todas as outras cidades, passou por enorme surto de crescimento, com a mania dos “arranha-céus”, inclusive ganhando-se de ser a cidade de interior, de todo o Brasil, que possui o edifício mais alto, com trinta andares. Prá quê ?

Todos os companheiros apreciaram, na saída, o monumento ao colono, com os lindos e expressivos versos de Cassiano Ricardo. Vale a pena visitar Caxias em época que coincida ou com a festa do vinho ou com a festa do colono, duas coisas – vinho e colono – sempre

(*) O artigo aqui mencionado já havia sido, efetivamente, publicado no *Correio Popular*, de Campinas, em 10 de julho do mesmo ano, com o título *Animador exemplo que nos vem do Sul*, transcrito em o número 104 desta revista.

associadas nesta terra que procura não esquecer seu passado, especialmente suas origens. Aliás, isto ocorre em todas as áreas de colonização do Rio Grande do Sul, tanto nas de origem alemã, como nas de origem italiana. A presença do colono e de seus descendentes é sempre uma constante. Espera-se, apenas, que com o tempo isto não se descaracterize, como aconteceu, por exemplo, em São Paulo, que, tanto quanto o Rio Grande do Sul, teria razões de sobra para evocar o colono, mas aonde a descaracterização foi completa. Cassiano Ricardo não era gaúcho e nem de origem italiana. Era paulista do vale do Paraíba e descendente de velhos troncos bandeirantes. Mas soube sentir, como ninguém, o espírito que anima os riograndeses nesta sua exaltação do colono. Não foi atoa que, com tanto poeta gaúcho, foram pedir a um paulista que escrevesse os versos para o monumento.

Sétima etapa: Caxias/Curitiba

Embora já tenha feito não sei quantas vezes este percurso, não deixo de me extasiar com a beleza do vale do rio das Antas, cada vez que por ele passo. A própria guia, em geral pouco sensível (como todos os guias) ao que há de bonito nos itinerários, chamou a atenção dos nossos companheiros, e não houve quem deixasse de admirar o panorama, talvez o mais belo que possa haver no Brasil. Não houve necessidade de passar por Lajes, o que me aborreceu, pois gostaria de rever esta cidade, que também me traz boas recordações. Fundação paulista da época da expansão pastoril, era sempre um exemplo que não deixava de citar aos meus alunos, quando lecionava História do Brasil, como uma das marcas definitivas do tradicional caminho de tropas para o Rio Grande. Lembrome numa frase de meu colega Eduardo França, da Universidade de São Paulo, depois de avistar pela primeira vez os "Campos da Vacaria": "agora entendo porque os paulistas vinham tão longe buscar o gado". E Lajes, situada em plena serra, fixou-se como uma espécie de nó de comunicações nesta expansão pastoril, daqui tomando o gado as duas direções principais: para São Paulo e para o sul de Mato Grosso, onde os campos também se tornaram conhecidos por "Vacaria". E a rota paulista, sobre a qual ainda há pouco escrevi, a pedido do Leite Cordeiro para comentar um "roteiro" por ele descoberto não sei onde, mas que me pareceu extremamente significativo como documento de uma fase da expansão paulista: intitula-se meu trabalho **De São Paulo para o Viamão** e está publicado num dos últimos números da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. (vol. 75, de 1979).

Não passando por Lajes, o ponto de almoço foi no trevo de Curitibaanos, o que nos permitiu chegar a Curitiba ao entardecer.

Última etapa: Curitiba/São Paulo

Antes de deixar o hotel de Curitiba (o mesmo Araucária), tivemos oportunidade de ver, pela TV, boa parte do casamento do Príncipe Charles, da Inglaterra, que começou a ser transmitido pela Globo às seis horas da manhã. Realmente, muita "Pomp and Circunstance", como seria de se esperar na família real inglesa. Três momentos tocaram-me muito: a entrada da noiva, ao som da "Voluntary Trumpet", de Jeremiah Clarke; a leitura, pelo presidente da Câmara dos Comuns, do capítulo 13 da primeira epístola de São Paulo aos Coríntios; e o momento em que foi entoado o "God Save the King". Mas o horário da partida pôs fim (para nós) à bela festa.

Não sei porque não concluem de vez a estrada para São Paulo via Itararé para que se não precise repetir o caminho de regresso à capital paulista. E pelo que consta, resta um pequenino trecho, já possível de ser usado, mas em condições não de todo satisfatórias. Assim, não nos restou senão o retorno pela cansativa BR-116, da qual já me ocupei no primeiro dia da excursão.

*